



CEDI - P. I. B.
DATA 10/09/87
COD. T2D05

RELATÓRIO DE VIAGEM

ÁREA INDÍGENA TREMEMBÉ

I - INTRODUÇÃO

Até há pouco tempo, o Ceará era apontado entre os Estados brasileiros, onde não havia mais índios. Só nos últimos três anos isso começa a mudar.

De fato, causa espécie uma região cuja história registra a presença de várias nações indígenas, ter procedido com tanta "eficiência", o desaparecimento dos seus primeiros habitantes, ao contrário de outros Estados nordestinos, conservando apenas os inúmeros topônimos indígenas que denominam seus rios, vales, serras e cidades.

Sabemos que a população do Ceará, origina-se basicamente do encontro de índios e brancos, sendo a presença do negro menos significativa. Nestas condições, a assimilação dos grupos indígenas sobreviventes do contato e do esbulho, foi decisiva na formação do tipo humano e cultura regional.

O aparecimento de alguns grupos indígenas no Ceará nestes últimos três anos, através do trabalho da Arquidiocese de Fortaleza, só é explicável pela violência discriminatória que sempre objetivou o esbulho das suas terras, bem como pela manutenção (embora cada vez menor) de formas de organização típicas que dão suporte ao sentimento de pertencimento e identidade étnica resistentes.

Atualmente, os Tremembé localizados no município de Itarema, constituem um dos agrupamentos indígenas cearenses, originário dos antigos aldeamentos missionários e do convívio compulsório de nações diversas.



Os Tremembé, juntos com os Tapeba do município de Caucaia, são assistidos pela Arquidiocese de Fortaleza e foram incluídos na programação da FUNAI para delimitação e demarcação até 1987, e benefícios do PAPP/Projeto Nordeste.

Existem informações da presença de outros índios no município de Aquiraz, Aracati e na região da Serra do Ibiapaba.

Através da P.P. nº 1327/86 de 02.09.86, foi instituído o G.T. para em conjunto com a Arquidiocese de Fortaleza e apoio do INCRA, proceder os estudos de identificação e delimitação da A.I. TAPEBA.

Foi recomendado ao G.T. que levantasse a situação dos grupos indígenas que se tinha notícias na região. Sendo assim, em companhia um representante da Arquidiocese que conhecia a área, fomos ao município de Itarema, onde ainda se encontram, os descendentes da nação Tremembé.

II - HISTÓRICO DO GRUPO

Segundo o Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú, os Tremembé ocupavam no século XVII o litoral do Ceará até o Maranhão. Originaram a população das cidades de Tutóia no Maranhão (XVIII) e Almofala no Ceará (tribo existente, sede atual).

A Revista Trimestral do Instituto do Ceará (Tomo XL - ANNO XL, Proc. 1986/85, fls. 76) no artigo as Tribus Indígenas do Ceará in forma que "Quando Pero Coelho, em 1603, veio tentar a conquista da Serra do Ibiapaba, já então dominavam quase toda a costa povos da raça Tupy, que, derrotados em cruentos combates com os portugueses no Rio Grande e Parahyba e enfraquecidos pela guerra, que reciprocamente se moviam, tinham invadido o litoral cearense expulsando para o interior as hordas adversas dos CARI-RYS-TREMEMBÉS". (Fortaleza 1926: 39).

A respeito da localização dos Tremembé, a mesma Revista registra que "Extremado com os Anassés, para além do rio Mundahú, demoravam os ferozes Teremembés ou Tremembés, cujos domínio, compreendendo a vasta ribeira do Acarahú, iam até a Serra Grande. Em terra dos Tremembés



fundou Jeronymo de Albuquerque, em 1613, o fortim de N.S. do Rosário .
(ibid: 45, Proc. FNI/BSF/1986/85).

O artigo ainda informa de ataques destes índios a outros, aldeados na vizinha Jericoacoara e ao forte de N.S. do Rosário.

Foram "Aldeados pelos jesuítas perto de Camucim ou nas praias de lenções, Tutoya do gentio, como quer o Barão de Studart, passaram em 1702 para Almofala, à margem do Aracaty-Mirim, no município de Acarahú. Esta villa foi em tempos idos soterrada por uma imensa duna, que após muitos anos de lento caminhar começa agora a descobrir os seus mais importantes prédios". (Ibid: 46).

Conforme escreve Padre Antonio Tomás no seu artigo sobre Almofala, por sua vez transcrito por Dinorá Tomás Ramos em "Padre Antônio Tomás, o Príncipe dos Poetas Cearenses", pode-se ler:

"Tendo o Padre Assenso Gago, da Companhia de Jesus, escripto ao rei de Portugal mostrando a conveniência de situarem-se os índios em aldeas pela costa que dista do Ceará ao Maranhão 200 legoas, e que lhes desse de sesmaria as terras que ficavam entre a barra do rio Aracaty-mirim e a do Timonha, Sua Magestade, por carta régia de 8 de janeiro de 1698 ao governador do Maranhão assim concedeu e ordenou que não se inquietasse o gentio nem os apartasse dos sítios que elles escolhessem para sua habitação, fazendo com que de nenhuma maneira se alterasse a sua posse, nem lh'a tirassem os brancos, mandando proceder com as penas condignas ao delicto contra os que observassem o contrário...

"Assim se procedeu, sendo o Padre José Borges de Novaes o primeiro missionário que em 1702 os aldeou e viveu entre elles, construindo no sítio Aracaty-mirim uma igreja sob a invocação de N.S. da Conceição, cujo local chamou-se primeiro Missão de Aracaty-mirim, mais tarde até 1763, N.S. da Conceição dos Tramembês, e de 1766 em diante (depois que por alvará de 8 de maio de 1758 el-rei estendeu aos índios de todo o Brasil as disposições do alvará de 7 de junho de 1755, em virtude das quaes era extendida aos índios do Maranhão e Pará a liberdade de suas pessoas, bens e commercio, dando-se-lhes preferênciam nos cargos de justiça e milícia) N. S. da Conceição de Almofala. . .



"Em 18 de maio de 1759 o governador de Pernambuco Luiz Diogo Lôbo da Silva comunica ao capitão-mór do Ceará a vinda do desembargador Bernardo Coelho da Gama Casco àquella Capitania, para erigir em villas as aldêas dos índios que eram dirigidos pelos Jesuítas...

"Parece que aquella aldêa não chegou a ser erigida em Villa como a de Caucaia que em 15 de outubro d'aquelle anno passou a chamar-se Villa de Soure, e que apenas foi denominada Almofalla para perder o nome indígena como todas as outras, pois que sendo convidados a Pernambuco pelo Governador todos os principais das aldêas, compareceu em 16 de junho Manoel da Rocha de Almeida, Capitão-mór dos Tremembês e requereu ser reunido com a sua gente à nova villa de Soure, o que supponho não foi attendido". (Fortaleza- 1981: 142).

Segundo o Padre Antônio Tomás, existia em Almofala " a irmandade de Nossa Senhora da Conceição... sob cuja guarda e dependência sempre se conservou a igreja... A epocha do seu maior florescimento..., foi de 1730 a 1790"... quando começou a declinar". Ainda houve uma tentativa em 1830 para "levantar a do abatimento em que se achava".

"Por decreto geral de 5 de setembro de 1832 foi creada a freguezia de N.Senhora da Conceição da Barra de Acarahú, dentro de cujos limites ficou a de Almofalla..."

Ainda segundo o relato do Padre Antonio Tomás que foi nomeado "coadjutor da freguezia de Acarahú" em 1892, a última celebração na igreja de Almofala se deu no ano 1898, quando uma duna em movimento , soterrava toda a vila e seus moradores se transferiam para lugares seguros.

Até então, se comemorava a festa da padroeira, com novenas, cabendo sempre uma das noites aos índios "que se esmeravam em dar a sua noite o maior esplendor"...

O Padre Antonio Tomás ainda conheceu o velho Thomé, capitão dos índios "ainda numerosos descendentes dos Tramembês, constituindo uma sociedade a parte, casando-se entre si e conservando religiosamente certos usos e tradições, e alguns até mesmo a língua dos seus maiores".

"Tinha o seu capitão cujas ordens obedeciam sem contrangimento, sobretudo quando estas visavam algum benefício material que se houvesse de fazer a igreja".



"Durante uma das minhas primeiras estadas na pinturesca povoação, fui convidado certo dia por um amigo para assistir a um torém — a diversão predilecta dos índios". (ibid: 144 a 150)

Almofala pertencia ao município de Acaraú, até que foi criado o município de Itarema. Sobre o povoado, Maria Bruhilda Telles de Souza informa, em sua dissertação do curso de Mestrado em Sociologia; Mitos e Símbolos na Migração Praiana — "O caso de Almofala": Desde que foram concedidas as terras aos índios Tremembês sob a forma de sesmarias, tiveram início os trabalhos de evangelização e o povoado passou a ser considerado sede de Freguesia e da aldeia dos Tremembês". (Fortaleza 1983:30).

Com o soterramento da Vila em 1986, que durou quarenta e cinco anos, muitos Tremembês foram para o local denominado Lagoa Seca, perto de Almofala.

Quanto a duna começou de novo a se movimentar e descobrir a Vila, os índios nos disseram, que eles mesmos, se reveando e varando noites, tiravam a areia que invadira a igreja do antigo aldeamento.

Os não-índios que chegavam, com a valorização da região, construíram a primeira casa de alvenaria próximo à igreja, constringindo os índios, pobres e com outra mentalidade, ou seja, de que na terra da Santa todos podiam morar, levantar seu rancho de palha, típico praeiro, sem necessidade de cercar a propriedade, que não se comprava nem vendia, a noção de área contínua, coletiva. Assim, os índios foram perdendo, primeiramente o local adjacente à igreja, por falta de condições de estabelecerem como antes, no local preferido.

Muitos continuaram morando na Lagoa Seca, de onde também foram expulsos com a aceleração e ampliação do esbulho. Para os brancos, aquele região sempre foi terra de ninguém.

"Os que não era descendente dos índios, se achavam mais importante, os índio era considerado inferior, por ser mais besta e ignorante. Eu ainda hoje moro perto da igreja porque meu pai foi capitão dos índio Tremembê, eu herdei esta patente dele e por isso, fiz minha casinha aqui bem pertinho da igreja, esperando que os outro me acompanhasse também, mas não foi possível... (Depoimento colhido por M^a Bruhilda T.de Souza).



A Socióloga Maria Bruhilda ressalta "que na relação de sesmarias do Ceará, consta o registro de três léguas de terras, situadas entre os rios Aracati-Mirim e Aracati-Açu, concedidas ao padre José Borges de Novais e a seu irmão Alexandre Borges de Novais, em 13 de janeiro de 1707".

E que "com a extinção da lei de Sesmarias em 1822, surge um período em que as terras ficam devolutas, detendo a posse aquele que estiver fixado nela". (ibid: 46).

Com a sofisticação das técnicas de pesca exigindo maiores recursos, o incremento da comercialização de lagosta e o advento da produção de coco como diversificação da produção e drible da crise dos anos sessenta, Almofala começou a sofrer especulação das suas terras, e os pobres obrigados a venderem os terrenos onde estavam.

O símbolo máximo da violência, passou a ser, como até hoje é, o coqueiro que tanto garante o esbulho como a posse, e avançou até nossos dias.

A Informação Geral da Capitania de Pernambuco. 1749, publicada em Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Vol. XXVIII. 1906, cita os Tremembé entre as aldeias existentes na Capitania do Ceará Grande: "Aldea dos Tramambés sita a beyra do mar do districto da mesma Ribeira do Acaracú, Invocação Nossa Senhora da Conceyção, de que é Missionário um Sacerdote do Hábito de Sam Pedro, tem somente uma nação de Tapuyos, chamados Tramambez. Proc. 1986/85. fls. 67.

Carlos Studart Filho, relata em Notas Históricas sobre os indígenas cearenses (Proc. 1986/85 fls. 103/104) que: "No Ceará as relações entre brancos e Tremembés foram sempre pouco cordiaes". Em 1614, tentaram tomar de assalto, o Fortin de N.S. do Rosário e obrigaram os holandeses da primeira invasão do Ceará a refugiarem-se em Jericoacoara. "Aldeiados no fim do XVII pelos jesuitas perto de Camocim (theberge) e nas praias de lenções, Tutoya do gentio, passaram em 1702, para as margens do Aracaty Mirim, no Município de Acarahú... Depois da expulsão dos jesuítas, que os assistiram, foram os Tremembés mandados transferir para a Vila de

FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTERIO DO INTERIOR

.7.

Soure... não se adaptaram ao novo meio, nem fizeram bôa amizade com os moradores do lugar. Muitos abandonaram a villa, fugindo uns para os taboleiros do litoral e desertando outros para a vizinha Capitania do Maranhão... Mais tarde, em 1766, o governador Borges da Fonseca compadecido da miséria em que viviam os Tremembês...reuniu-os novamente na antiga missão da margem do Aracaty-Mirim... A aldeia de Areacata mirim dos Índios Tremembês, como era chamada, por vezes, tomou em 1766 o nome de Almofala. Por volta de 1818, existiam ainda na Parochia de N.S. da Conceição de Almofala Índios Tremembês que pacificamente se dedicavam à agricultura".



III - SITUAÇÃO ATUAL

Seguimos para Almofala, aproveitando uma viatura do INCRA, que conduzia técnicos para trabalhos de reforma agrária próximo ao povoado em questão.

Conforme contatos anteriores, já nos esperava na casa do líder da comunidade Tremembé, a Sra. Maria Amélia Leite, da Arquidiocese de Fortaleza.

Nesta casa, onde ficamos durante os dias de trabalho, promovemos várias reuniões com os Tremembé, que até então não conheciam a FUNAI nem as implicações da sua condição indígena.

Algumas pesquisas já foram feitas no povoado, existindo algumas publicações a respeito, apoiadas pela Universidade do Ceará ou FUNARTE, considerando como folclore, as manifestações culturais e materiais de Almofala, o que ainda não se configura como tal, pois não são de domínio popular; são exclusivas de um grupo específico, descendentes da nação Tremembé do aldeamento missionário do século XVII.

A categoria índios, para os Tremembés, não existe mais em Almofala. Se auto-identificam como descendentes dos Tremembés de Almofala, cujas terras são suas, reservadas para viverem, plantarem, criarem os filhos, sob a proteção da Igreja. Índios para eles, são aqueles indivíduos de outras regiões do país, em estado original com relação aos hábitos e costumes.

Para os atuais Tremembé, índios eram seus parentes, por sinal, muito próximos, como avós e bisavós, dos quais alguns ainda tinham orelhas furadas, falavam alguma coisa da língua materna e dançavam bem melhor o torém.

Grande parte desta retração da identidade étnica do grupo, está na violência a que são objetos até os nossos dias e do preconceito que desestimula a reivindicação de terra.

Durante as reuniões, ficamos cientes da expectativa da comunidade Tremembé, com relação ao acesso à terra e providências contra a violência com que ainda hoje estão sendo expulsos do que lhes restou das terras imemoriais, as vezes com crimes de morte.



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

.9.

Almofala é hoje, afora as ruas nas proximidades antiga igreja, um emaranhado de becos e cercas; uma materialização de forma como está sendo indevidamente apropriadas, as terras locais.

Expulsa-se uma família do seu local de estabelecimento, precionando-a a vender os coqueiros que plantou e que servem tanto para o sustento como ocupação do terreno. Na penúria, e aceitando a venda dos pés de coco, a família é obrigada a desocupar o local, porque o comparador mais que depressa, cerca todo o terreno, e não ocorrendo a desocupação, deixa apenas o chão de casa, para usufruto da família.

Há situações em que ocorrendo o deslocamento da desprotegida família, o mesmo caso de esbulho se repete no local do novo estabelecimento.

Caminhos tradicionais da população, de repente são cercados, obrigando os moradores a caminhos alternativos, revoltantes. A possibilidade de reação é proporcional à ameaça de morte, bem presente na vida dos índios.

Na área cercada, logo são plantados os pés de coqueiros, como garantia de posse.

Os depoimentos dos Tremembé, são inúmeros, a respeito da sua trajetória de violência que os obriga ao permanente deslocamento.

O que até a pouco, era amplo sem cercas e coberto de cajueiros, hoje está ocupado por cercas e coqueiros, quase não havendo mais áreas livres, nem para fuga.

Está havendo por parte dos índios atualmente, uma resistência explícita, particularmente daqueles que moram mais distante da praia e se caracterizam como trabalhadores rurais.

Resistiram à última investida sobre as terras que ocupam no local denominado Varjota. Desta experiência organizaram-se em comunidade e filiaram-se ao recém-criado Sindicato Rural de Itarema, do qual um Tremembé é Presidente.

Na Varjota e adjacências como Lamarão, Camboa da Lama, Urubu, etc, os Tremembé ficaram segregados, havendo uma concentração exclusiva indígena, que possibilita maior condição de agregação e combatividade.



Parte destes Tremembé, foram expulsos de onde hoje se instalou a firma Ducôco, de Fortaleza. Esta apropriação iniciou-se a partir de uma propriedade denominada Fazenda S. Gabriel, de um tal de Aquino. Foi vendida para o Ducôco, que através de um tal de Laécio, expulsou em 1980 as famílias Tremembé e implantou o cultivo de coqueiros.

Estas famílias indígenas, foram obrigadas a construir suas casas na margem do rio Mirim, em condições extremamente precárias, imprensadas entre as cheias do rio (marés) e o mangue. A este local, conhece-se como Vila.

Em processo de proletarização, são utilizadas como mão-de-obra pela Ducôco.

Depois disso, os Tremembé da Varjota, se organizaram e impediram a expulsão dos demais.

O local mencionado é tradicionalmente, de ocupação indígena. Daí, saíam para coleta de ostras, no antigo leito do Rio Mirim, soterrado pelas dunas, que agora deságua no povoado de Torrões. Fotografamos verdadeiros sambaquis, formados pela atividade de coleta de ostras, onde os índios acampavam de forma temporária. Este lugar, conhecido por Aningas, esteve ocupado pela família dos Angelca (Tremembé), posteriormente expulsa. O filho de um antigo Capitão dos Tremembé, nos informa que seu pai (quando passavam por aí), lhe mostrava os sambaquis dizendo originários dos seus parentes que vinham do Lamarão tirar ostras do rio.

Outro local tradicional de ocupação, é a Lagoa Seca, onde se localizava as Quintas Doces. Local de Cajueiros, sob cujas sombras, os Tremembés promoviam a dança do Torém. No período, o chefe da dança era o conhecido José Miguel, irmão da não menos famosa Tia Chica falecida em 1974. O capitão do grupo indígena era Francisco de Barros.

A chamada terra da Santa, da Missão, ou dos Tremembé, segundo a própria comunidade, era de uma légua para cada lado da Igreja que serve de pião, até o mar.

Os limites naturais, ligados à área de interesse do grupo são: a Lagoa Luiz de Barros, Genipapo, Lagoa do Moreira e o mar.

O mar estaria ao norte, o genipapo ao sul, a Lagoa Luiz de Barros a leste e a Lagoa do Moreira a oeste.

FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

. 11 .

Os Tremembé estão interessados que lhes sejam asseguradas as terras onde já estão, prioritariamente nos locais de concentração populacional, face a permanente ameaça de esbulho.

O Torém era dançado, geralmente à noite à luz de uma fogueira. Serviam um vinho de caju, feito até hoje nestas ocasiões, chamado mocororó. A expulsão dos Índios, provocou uma das mais significativas desarticulações sócio-culturais do grupo, acelerada com a morte da Tia Chica. Parte dos moradores, foram para a rua de Almofala e adjacências, e de tal forma revoltados, que encontramos pessoas visivelmente traumatizadas com o fato, a morte de parentes e alimentando esperanças de retorno.

Tudo indica, que os Tremembés, se dispunham em grupos familiares, em diversos locais espalhados, pela sesmaria reservada à Missão. Desta forma, se origina os locais que mencionamos e outros.

Da Lagoa Seca, origina-se a família dos Adonias Alves; da Passagem Rasa (próximo da Lagoa Seca), os Bastiões e assim por diante. Em Almofala, Barro Vermelho, Mãe de Alto, Panã, convivem Tremembés e brancos.

Torrões e Urubu, os moradores são não-Índios, na sua maioria.

Camboa da Lama, Lamarão, Boa Vista, Varjota, Vila de Tapera, são locais de concentração indígena.

O levantamento da população foi feito pelos próprios Tremembé em cada localidade, anotando o número de pessoas e famílias, originando a relação a seguir:

ALMOFALA (rua)	- 792 pessoas	- 166 famílias
(Comum)	- 295 "	- 51 famílias
(Panã)	- 212 "	- 42 famílias
(Aningasdo mulato)	- 72 pessoas	- 15 famílias
LAGOA DO BOI	- 06 pessoas	- 01 família
CABEÇA DO BOI	- 05 pessoas	- 01 "
CAMBOA DA LAMA	-	-
(urubu, Torrões)	- 163 pessoas	- 22 famílias
LAMARÃO	- 126 pessoas	- 22 famílias
VILA	- 190 "	- 25 "



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

.12.

CURRAL DO PEIXE	- 118 pessoas	- 17 famílias
SAQUINHO	- 84 pessoas	- 14 famílias
VARJOTA	- 305 "	- 54 "
BARRO VERMELHO	- 276 "	- 53 "
TOTAL	2.662 "	- 483 "

A Comunidade Tremembé é constituída basicamente de pescadores (atividade tradicional) e agricultores. Os que se dedicam a pesca, residem próximos à praia e na rua de Almofala. Os trabalhadores rurais concentram-se mais para o interior, na Varjota, Lamarão, Vila e possuem suas roças. São liderados por Tremembés do Sindicato Rural de Itarema.

Vicente Viana, é o atual capitão da comunidade, chamado de cacique por estudiosos da Universidade de Fortaleza, mora em Barro Vermelho, perto da praia e possui um barco lagosteiro. Pescadores índios como ele, filiaram-se a Colônia de Pescadores e desiludiram-se da entidade de classe pela falta de providências às suas necessidades.

As habitações dos pescadores, são via de regra, do tipo praiano, feita em palhas de coqueiro. Já entre os que tem sua subsistência na atividade agrícola, encontramos habitações em alvenaria, de características rurais.

As roças são de subsistência, onde cultivam mandioca, milho, feijão, melancia, jerimum, batata, cana, coco.

A existência até hoje dos Tremembé, constitui uma ameaça a atual situação fundiária local.

IV - CONCLUSÃO

Até agora, no que diz respeito a informações sobre os Tremembés de Almofala, elas se referem aos índios no pretérito.

Suas manifestações culturais, são consideradas como folclore local.



FUNAI
Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DO INTERIOR

.13.

Porém constatamos que a identidade étnica do grupo, é viva e só não é explícita pela ameaça de violência.

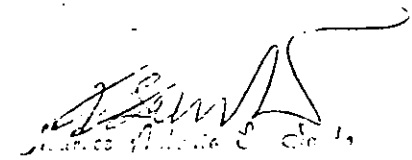
Esta identidade é fundamentalmente ligada ao sentimento de origem no que diz respeito às terras locais, consideradas como suas, sob a proteção da Santa Padroeira.

Os brancos são mencionados pela comunidade como os de fora, que vieram de outro lugar, e as várias famílias descendentes de aldeamento, são os verdadeiros naturais de Almofala.

Possuem uma organização política original, ou seja o capitão e o chefe da dança, que ainda persiste em grande parte, em função do Torém; dança ameríndia, onde se vestem a caráter, bebem mocororô e cantam músicas onde aparece elementos linguísticos Tremembé.

Toda a documentação a respeito dos Tremembé em posse da FUNAI, encontra-se anexada no Proc.FUNAI/BSB/1985/85 (Identificação Tapeba) levantada pelo Museu do Índio.

Sugerimos que seja solicitado ao referido Museu, um levantamento etno-histórico específico dos Tremembé de Almofala e que seja constituído um GT. para identificação, delimitação e levantamento fundiário da área indígena, em conjunto com o INCRA e representante da Arquidiocese de Fortaleza.


Sociólogo - Divisão de Identificação
e Delimitação/SUAF/FUNAI

FUNAI

PAPELETA DE ENCAMINHAMENTO

DE Sociólogo- Marco A. do F. Santo	NUMERO 001/DID
PARA Sra. Chefe da DID	DATA 06.01.87

EM RELAÇÃO AO ANEXO, SOLICITO.

<input type="checkbox"/> APROVAR	<input type="checkbox"/> DAR PARECER	<input type="checkbox"/> FORNECER COPIAS
<input type="checkbox"/> ARQUIVAR	<input type="checkbox"/> DATILOGRAFAR	<input type="checkbox"/> INFORMAR
<input type="checkbox"/> ASSINAR	<input type="checkbox"/> DISTRIBUIR	<input type="checkbox"/> MINUTAR PROPOSTA
<input type="checkbox"/> ATENDER	<input type="checkbox"/> EXPEDIR	<input type="checkbox"/> PROVIDENCIAR
<input type="checkbox"/> AUTORIZAR	<input type="checkbox"/> ESTUDAR	<input type="checkbox"/> REITERAR
<input type="checkbox"/> CONFERIR	<input type="checkbox"/> FALAR-ME	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> CONHECER	<input checked="" type="checkbox"/> FORMAR PROCESSO	<input type="checkbox"/>

OBSERVAÇÕES

Encaminhamos em anexo, o Relatório de Viagem Tremembé e solicitamos autuá-lo com as seguintes características:

Int.: Comunidade Indígena Tremembé

Ass.: Identificação da A.I. Tremembé no Município de Itarema - CE.

ASSINATURA

Marco Antonio F. Santo
 Sociólogo - Divisão de Identificação e Delimitação/SUAF/FUNAI